**DUAS PASSAGENS CENTRAIS DO**

**TDE DE SCHUMPETER**

**1) Produção, Tecnologia e Economia**

(TDE, Schumpeter, 1997, pp. 30-32; os grifos são meus)

A produção é, por um lado, condicionada pelas propriedades físicas dos objetos materiais e dos processos naturais. ……. Os fatos da organização social não se situam na mesma classe. No entanto, são equivalentes aos fatos técnicos no sentido de que estão fora do domínio da teoria econômica e são para ela meros “dados”.

O outro lado da questão, pelo qual podemos penetrar muito mais profundamente na essência da produção do que pelo seu lado físico e social, é o propósito concreto de todo ato de produção. O objetivo que o homem econômico persegue ao produzir, e que explica por que existe certo tipo de produção, põe claramente o seu selo sobre o método e o volume da produção. …… As condições externas dadas e as necessidades do indivíduo aparecem como dois fatores decisivos no processo econômico, que contribuem para a determinação do resultado. A produção segue as necessidades; é, por assim dizer, puxada por elas

Esse segundo “lado” da produção faz dela, desde o início, um problema econômico. Este deve ser distinguido do problema puramente tecnológico da produção. Há um contraste entre esses aspectos freqüentemente testemunhado na vida econômica, na oposição pessoal entre o gerente comercial e o técnico de uma empresa. **Muitas vezes, no processo produtivo, vemos mudanças recomendadas [pelo corpo técnico] rejeitadas pelo [responsável pela gestão econômica]. Por exemplo, o engenheiro pode recomendar um novo processo que o diretor comercial rejeita com o argumento de que não compensará.** O engenheiro e o homem de negócios podem ambos expressar seus pontos de vista assim: seu objetivo é conduzir adequadamente o negócio e sua avaliação deriva de seu conhecimento dessa adequação. À parte os equívocos, a falta de conhecimento dos fatos e assim por diante, a diferença de avaliação só pode vir do fato de que cada um tem em vista um tipo diferente de adequação. **O que o homem de negócios quer dizer quando fala em adequação é claro. Refere-se à vantagem comercial, e podemos expressar assim sua visão: os recursos que seriam requeridos para abastecer a máquina poderiam ser empregados em outro lugar com mais vantagem.** .... O diretor comercial quer dizer que [os consumidores não estarão dispostos a pagar os custos ampliados pois] a satisfação das necessidades não seria ampliada mas, pelo contrário, reduzida por tal alteração no processo produtivo. Se isto é verdade, qual pode ser o significado do ponto de vista do tecnólogo, que tipo de adequação ele tem em mente? Se a satisfação das necessidades é o único fim de toda a produção, então não há realmente nenhum sentido econômico em recorrer a uma medida que a prejudica. **O homem de negócios está certo em não seguir o engenheiro, desde que sua objeção esteja correta objetivamente. Desdenhamos a alegria um tanto artística de aperfeiçoar tecnicamente o aparato produtivo. Efetivamente, na vida prática observamos que o elemento técnico deve submeter-se quando colide com o econômico.** Mas isso não é um argumento contra a existência e seu significado independentes e contra a avaliação correta presente no ponto de vista do engenheiro. Pois, embora o objetivo econômico guie os métodos técnicos tal como usados na prática é bem razoável aclarar a lógica interna dos métodos sem levar em conta as barreiras práticas. Vemos isso melhor num exemplo. Suponha-se que uma máquina a vapor e todas as suas partes componentes obedecem à adequação econômica. À luz dessa adequação faz-se o máximo com ela. Então não haveria sentido em tirar maior proveito na prática aquecendo-a mais, contratando homens mais experientes para trabalhar nela e aperfeiçoando-a, se isto não se pagasse, ou seja, se ... o combustível [extra], as pessoas mais talentosas, os melhoramentos e o aumento de matérias-primas custariam mais do que renderiam. Mas é bem razoável considerar as condições sob as quais a máquina poderia fazer mais e, quanto a isso, quais melhoramentos são possíveis com o conhecimento atual e assim por diante. Pois então todas essas medidas já estarão elaboradas para o momento em que se tornarem vantajosas. Também é sempre útil pôr o ideal ao lado do real, de modo que as possibilidades sejam deixadas de lado, não por ignorância, mas por razões econômicas bem ponderadas. **Em resumo, todo método de produção em uso num momento dado se curva diante da adequação econômica.** **Esses métodos consistem em ideias de conteúdo não somente econômico, mas também físico. O último tem seus problemas e uma lógica própria, e o papel da tecnologia é pensar neles sistematicamente até resolvê-los – sem considerar, de início, o fator econômico. Mas é este fator que será decisivo ao final.**

Do mesmo modo que em última instância a conveniência regula a produção tecnológica, assim como a econômica, e **a distinção entre as duas está na diferença do caráter dessa conveniência**, assim também uma linha de pensamento um pouco diferente nos mostra a princípio uma analogia fundamental e depois a mesma distinção. A produção não “cria” nada no sentido físico, considerada tanto tecnológica quanto economicamente. Em ambos os casos só pode influenciar as coisas e os processos — ou “forças”. Ora, para o que se segue necessitamos de um conceito que abarque esse “utilizar” e esse “influenciar”. Eles incluem muitos métodos diferentes de usar e de se comportar em relação aos bens; todos os tipos de mudanças de localização e de processos mecânicos, químicos e outros. Mas trata-se sempre de mudar o estado existente de satisfação de nossas necessidades, de mudar a relação recíproca entre as coisas e forças, de unir algumas e separar outras. Considerando-se tanto econômica quanto tecnologicamente, produzir significa combinar as forças e coisas ao nosso alcance. Todos os métodos de produção significam algumas dessas combinações técnicas. Métodos de produção diferentes só podem ser diferenciados pela maneira com que se dão essas combinações, ou seja, pelos objetos combinados ou pela relação entre suas quantidades. Todo ato concreto de produção é, a nosso ver, certa combinação. Esse conceito pode ser estendido até aos transportes e outras áreas, em suma, a tudo que for produção no sentido mais amplo. Também consideraremos como “combinações” uma empresa como tal, e mesmo as condições produtivas de todo o sistema econômico. Esse conceito exerce um papel importante em nossa análise.

Mas não coincidem as combinações econômicas e as tecnológicas, as primeiras ligadas às necessidades e meios existentes, as últimas, à idéia básica dos métodos. O objetivo da produção tecnológica é na verdade determinado pelo sistema econômico; a tecnologia só desen- volve métodos produtivos para bens procurados. A realidade econômica não executa necessariamente os métodos até que cheguem à sua conclusão lógica com inteireza tecnológica, mas subordina sua execução a pontos de vista econômicos. **O ideal tecnológico, que não leva em conta as condições econômicas, é modificado. A lógica econômica prevalece sobre a tecnológica. E em conseqüência vemos na vida real por toda a parte à nossa volta cordas rotas em vez de cabos de aço, animais de tração defeituosos ao invés de linhagens de exposição, o trabalho manual mais primitivo ao invés de máquinas perfeitas, uma desajeitada economia baseada no dinheiro em vez de na circulação de cheques, e assim por diante. O ótimo econômico e o perfeito tecnologicamente não precisam divergir, no entanto o fazem com freqüência, não apenas por causa da ignorância e da indolência, mas porque métodos que são tecnologicamente inferiores ainda podem ser os que melhor se ajustam às condições econômicas dadas.**

**2) O Empresário, Mudança e Inovação**

(TDE, Schumpeter, 1997, pp. 76; os grifos são meus)

**“É o produtor que, via de regra, inicia a mudança econômica, e os consumidores são educados por ele ….; são, por assim dizer, ensinados a querer coisas novas**, ou coisas que diferem em um aspecto ou outro daquelas que tinham o hábito de usar. Portanto, apesar de ser permissível e até necessário considerar as necessidades dos consumidores como uma força independente e, de fato, fundamental na teoria do fluxo circular, devemos tomar uma atitude diferente quando analisamos a *mudança*.

**Produzir significa combinar materiais e forças que estão ao nosso alcance (cf. capítulo I). Produzir outras coisas, ou as mesmas coisas com método diferente, significa combinar diferentemente esses materiais e forças.** Na medida em que as “novas combinações” podem, com o tempo, originar-se das antigas por ajuste contínuo mediante pequenas etapas, há certamente mudança, possivelmente há crescimento, mas não um fenômeno novo nem um desenvolvimento em nosso sentido. Na medida em que não for este o caso, e em que as novas combinações aparecerem descontinuamente, então surge o fenômeno que caracteriza o desenvolvimento. Por motivo da conveniência de exposição, quando falarmos em novas combinações de meios produtivos, só estaremos nos referindo doravante ao último caso. O desenvolvimento, no sentido que lhe damos, é definido então pela realização de novas combinações.

**Esse conceito engloba os cinco casos seguintes:**

**1) Introdução de um novo bem — ou seja, um bem com que os consumidores ainda não estiverem familiarizados — ou de uma nova qualidade de um bem.**

**2) Introdução de um novo método de produção, ou seja, um método que ainda não tenha sido testado pela experiência no ramo próprio da indústria de transformação, que de modo algum precisa ser baseada numa descoberta cientificamente nova, e pode consistir também em nova maneira de manejar comercialmente uma mercadoria.**

**3) Abertura de um novo mercado, ou seja, de um mercado em que o ramo particular da indústria de transformação do país em questão não tenha ainda entrado, quer esse mercado tenha existido antes, quer não.**

**4) Conquista de uma nova fonte de oferta de matérias-primas ou de bens semima- nufaturados, mais uma vez independentemente do fato de que essa fonte já existia ou teve que ser criada.**

**5) Estabelecimento de uma nova organização de qualquer indústria, como a criação de uma posição de monopólio (por exemplo, pela trustificação) ou a fragmentação de uma posição de monopólio.**